



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

JOSÉ HUGO TIMÓTEO DE COUTO

**UMA ESTÉTICA MANGUEBEAT? AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS E IMAGÉTICAS
DO MOVIMENTO MANGUEBEAT**

**Caruaru
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

MEMORIAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**UMA ESTÉTICA MANGUEBEAT? AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS E IMAGÉTICAS
DO MOVIMENTO MANGUEBEAT**

JOSÉ HUGO TIMÓTEO DE COUTO¹

Caruaru

2025

¹ Graduando em Design pela UFPE. E-mail: hugo.timoteo@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Timóteo de Couto, José Hugo .

Uma estética Mangubeat? As dimensões simbólicas e imagéticas do movimento Mangubeat / José Hugo Timóteo de Couto. - Caruaru, 2025.
33p. : il.

Orientador(a): Mario de Faria Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2025.

Inclui referências.

1. Mangubeat. 2. Imaginário. 3. Símbolo. 4. Chico Science. I. Faria Carvalho, Mario de . (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, especialmente a minha mãe Adélia, que sozinha me permitiu chegar a lugares que muitos da minha família não tiveram oportunidade, que infelizmente não tiveram acesso a educação tradicional, mas que me ensinaram muito sobre a vida e continuam me inspirando e me fortalecendo como ser humano. Admiro muitas qualidades da minha mãe, sua resiliência, bravura e dedicação, que foram fundamentais na minha criação e na dos meus irmãos. Dentre seus inúmeros conselhos, sempre deixou claro que a educação é um bem precioso, algo que ninguém poderia nos tirar. Agradeço também aos meus irmãos, Geane, Gislaine e Gilson, cujo apoio, de alguma forma, esteve presente ao longo dessa caminhada. Sua importância em minha vida vai além das palavras, e sou grato por tê-los ao meu lado.

Gostaria de expressar minha gratidão ao núcleo de educadores e aos excelentes professores que marcaram minha trajetória acadêmica, em especial ao professor Mario de Faria Carvalho, por sua orientação fundamental nesta pesquisa do PIBIC e no meu projeto de graduação. As lições transmitidas por esses mestres são valiosas e me acompanharão por toda a vida.

Aos amigos que fiz ao longo dessa jornada, meus agradecimentos por tornarem o caminho mais leve, enriquecedor e significativo. E, por fim, um agradecimento especial ao meu antigo “eu”, por ter persistido, mesmo diante das adversidades que tentaram fazê-lo desistir. Sua resiliência me permitiu chegar até aqui, vivendo com liberdade, conquistando sonhos que um dia pareciam distantes. Obrigado por nunca ter desistido!

RESUMO

Ao explorar os aspectos principais do Mangubeat, no presente Memorial buscamos analisar as dimensões simbólica e imagética do movimento no imaginário de Pernambuco. Investigamos os símbolos e as manifestações artísticas que contribuíram para a criação de sua estética singular. Os resultados e discussões se concentram na expressão identitária do Mangubeat e de seus símbolos e em como estes ressignificam importantes elementos do cotidiano no imaginário coletivo e histórico de Recife e Pernambuco. As discussões se concentram na expressão da identidade Mangubeat, da antena parabólica e do caranguejo e do mangue. Para alcançar esses objetivos, adotamos uma perspectiva fenomenológica (Moreira, 2002; Carvalho; Cardoso, 2015), com base na Teoria do Imaginário de Gilbert Durand (2001; 2004) e na imaginação poética de Gaston Bachelard (1942; 2008). A metodologia incluiu visitas ao Centro do Recife, Rua da Moeda, músicas e buscas online por conteúdos e imagens relacionadas ao Mangubeat. Esses dados foram analisados a partir das perspectivas teóricas selecionadas, com intuito de compreender como o imaginário local e a estética emergem nas representações simbólicas utilizadas pelos artistas do movimento. O caminho metodológico da pesquisa decorre de uma perspectiva fenomenológica a partir das categorias teóricas 'estética' e 'sensibilidade' percebidas no registro e interpretação das imagens.

Palavras-chave: Mangubeat; Imaginário; símbolo; Chico Science.

SUMÁRIO

1 PROJETO PIBIC	6
2 RELATÓRIO FINAL PIBIC	13
3 RESUMO EXPANDIDO CONIC	31
4 CERTIFICADO APRESENTAÇÃO CONIC	32

1 PROJETO PIBIC

a) INTRODUÇÃO (caracterização do problema, justificativa e objetivos)

Este Plano de Trabalho corresponde a um desdobramento do Projeto de Pesquisa “ESTÉTICA E IMAGINÁRIO: DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ESTUDO DAS SENSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO”. O referido Projeto é atualmente desenvolvido no âmbito d’O Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação (CNPq), vinculado ao Núcleo de Design e Comunicação e à Linha de Pesquisa “Educação e Diversidade” do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos do Centro Acadêmico Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

Nesse sentido, o objetivo geral do presente Plano de Trabalho consiste em compreender as dimensões simbólicas e imagéticas da estética produzida pelo movimento Mangubeat, em Pernambuco, e presentes no imaginário do Estado. Desse modo, a presente proposta de investigação pretende refletir sobre como o imaginário atua na formatação dos itens relacionados à estética produzida pelo movimento Mangubeat, dimensionada sob uma perspectiva sensível.

Assim, este Plano de Trabalho é apresentado com a intenção de relacionar algumas categorias teóricas principais, ‘Estética’ (SCHILLER, 2015) e ‘Sensibilidades’ (LARROSA, 2014; 2017) enquanto lentes de interpretação da estética produzida pelo movimento Mangubeat.

Cogitamos o estudo da estética produzida pelo movimento Mangubeat, enquanto trajeto sobre as representações simbólicas presentes neste universo. Pensar acerca das estratégias estéticas e sensíveis que foram mobilizadas por esses artistas consiste em compreender os encadeamentos imagéticos neste campo enquanto em suas perspectivas epistêmicas, estéticas e sensíveis.

Nesse sentido, as estéticas têm sido problematizadas enquanto trajetos para se pensar a intersecção entre questões sociais e processos de subjetivação. Essa noção, quando nos referimos ao poético [político] enquanto elemento estruturante da pós-modernidade, como propõe Michel Maffesoli (1998), é importante chave de leitura de diferentes correspondências que se articulam no nível do olhar e do imaginário social. Pois, a alma se rende ao olhar, à observação, ao lúdico, ao que provoca a atmosfera do transgressor. A estética induz, igualmente, à vida em coletividade; as pessoas são levadas pelo instinto mimético.

Consideramos que compreender as dimensões simbólicas, sensíveis e imagéticas da estética produzida pelo movimento Mangubeat à valorização do modo estético-sensível de pensar a relação entre imaginário, arte e sociedade. Neste sentido, uma das abordagens no estudo da estética é o estudo compreensivo da cultura em suas diversas manifestações. Em sociedade nos deparamos constantemente com acontecimentos dessa ordem, o que poderemos definir como a experiência estética no cotidiano. Esta experiência amplia e diversifica a significação das noções sobre diferentes temas e questões sociais.

Com base na estética do movimento Mangubeat, buscamos destacar uma abordagem epistemológica e metodológica que contemple estratégias sensíveis à interpretação de temas presentes no imaginário pernambucano. Esse imaginário fundamenta as concepções de tempo e espaço, que, por sua vez, sustentam toda construção cultural. Essas noções são moldadas culturalmente e mediadas pelo cotidiano, o que exploramos aqui por meio da análise de representações artísticas urbanas e da música.

Com base nessas premissas, este Plano de Trabalho contempla algumas questões, em específico: Os símbolos relacionados à estética produzida pelo movimento Mangubeat permitem cogitar o modo pelo qual este representa o imaginário local? Qual a centralidade dos elementos estéticos e sensíveis nesse fazer artístico? Quais elementos imagéticos e sensíveis ligados ao cotidiano pernambucano são materializados através dos símbolos presentes nesse movimento? Nesse sentido, e com fundamento nas discussões teóricas sobre Estética, Sensibilidades e Imaginário, a proposta de pesquisa analisará as ressonâncias do imaginário nas representações sensíveis da estética produzida pelo movimento Mangubeat. São objetivos específicos desta proposta:

- I. Compreender de que modo a estética produzida pelo movimento Mangubeat possibilita refletir sobre as representações simbólicas, sensíveis e imagéticas;
- II. Identificar os principais sentidos estéticos e sensíveis presentes na produção estética produzida pelo movimento Mangubeat; e

- III. Analisar as representações simbólicas, estéticas e sensíveis presentes na produção artística produzida pelo movimento Manguembeat a partir da Estética e das Sensibilidades.

b) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por uma sociopoética da educação nos limiares da cultura: diálogos entre estética, imaginário e sensibilidades

Para dar significado ao mundo utilizamos a imaginação, imaginamos, ordenamos e comunicamos, ou seja, instituímos a forma. A origem da linguagem, segundo Germain Bazin (1980), é uma atividade artística, pois gera formas, nomear as coisas é, portanto, um ato criador. O lúdico, aqui expressa-se nas formas sinuosas da simbiose entre os sujeitos e estética.

A fluidez das formas gera a necessidade de inserção na vida como ela se apresenta, primeiro, enraizando-se na potência criadora da natureza, depois “libertando-se” na dimensão cíclica da existência. Evocar o tema da estética é, então, impregnar-se impregnar da potência dionisíaca do mundo que nos cerca, na fluidez dos gestos, nos atos, no falar, nas corporeidades que compõem nosso dia a dia.

Por outro lado, presenciamos, ainda segundo Maffesoli (1996), “o retorno do natural”, do hedonismo. Uma nova liga social se estabelece a partir da organicidade da naturalização da cultura. São desdobramentos culturais e estéticos da atualidade. Os sentidos evocam a simbiose com a natureza, exemplificam a dionisificação da existência. É preciso compreender que essa “onda” das sensibilidades como novas ressignificações do existir podem, com todas as forças, invadir todos os domínios do saber.

O ‘ser’ é encontrado na (re)descoberta do modo pelo qual interagimos com o mundo e com as pessoas. Experimentando outras possibilidades, corpo enquanto mente, e vice-versa, enquanto coletivo e individualidade, enquanto saber-criação de novas subjetividades. Segundo Stuart Hall: “Há a produção do eu como um objeto do mundo, as práticas de autoconstituição, o reconhecimento e a reflexão, a relação com a regra, juntamente com a atenção escrupulosa à regulação normativa e com os constrangimentos das regras sem os quais nenhuma “subjetivação” é produzida”. (1996, p. 125).

A partir de uma abordagem sensível, nosso imaginário pode nos conduzir a dimensões onde fabulosas criaturas e situações parecem resistir a todas as tentativas de definições racionais. Palavras, como símbolo, mito, sonho, fantasia, alegoria, imaginação transcendem ao racionalismo restrito.

A cultura, neste contexto, é dinâmica, um processo em que o imaginário, formalizado por arquétipos, símbolos e mitos, é a própria articulação da nossa existência. É no imaginário que podemos encontrar a identidade mítica de uma cultura. A Teoria do Imaginário é formulada sobre a noção de “trajeto antropológico do imaginário”, ou seja, a constante troca entre os desejos individuais e assimiladores e o exterior, seja ele cósmico ou social, que infligem suas características sobre as pessoas. Nós, seres criativos, (re)existimos (re)constituindo, constantemente, nosso imaginário, nossos mitos, nossos símbolos e organizamos o mundo ao nosso redor.

Durand (2001) revela que o imaginário humano constitui o conector inevitável pelo qual se formulam todas as representações humanas, pois para ele, o pensamento humano é representação, quer dizer, ele é formado por articulações simbólicas. Ele completa dizendo que o imaginário institui a dominação do espírito sobre o mundo. O contrário das dicotomias impostas pelo saber socrático, diairético e não inclusivo. O cogito deve ser sensível, nós, enquanto corpo, corpo da vida, devemos viver a alteridade, dissolvermo-nos em um coletivo, pois nossos corpos passam a ser mais corpos na vida perante outros corpos.

Trata-se de uma troca cordial e harmoniosa de práticas sociais, trajetórias antropológicas, afetos e sentidos que envolvem movimentos pessoais e coletivos, de formação e subjetivação, criando o que Maffesoli (1996) se refere como vitalismo inegável do naturalismo contemporâneo.

Quando relevamos as experiências estéticas cotidianas dividimos sentimentos, compartilhamos emoções. As mudanças sociais são decorrentes destas experiências, vivências que operam diretamente nas transformações das normatizações corporais e conseqüentemente, sociais.

Os sentidos tornam-se agentes de transcendência, demonstram a organicidade do processo emancipatório, de novas experiências estéticas. A enunciação das subjetividades é uma nova forma de sociabilidade, de compartilhamento de vivências contra a dominação do capital. A experiência

apreciativa está, dessa maneira, relacionada com a nossa sensibilidade, nossa percepção, as nossas noções sobre o belo, experimentadas no dia a dia diante de opressões.

Eis que se considera a estética como uma emoção que transmite e constroi significados comuns sobre nós e sobre a/o Outra/o. Podemos falar das emoções estéticas que caracterizam a contemporaneidade, composta de elementos múltiplos, inclusive a partir das questões de gênero. Se nós observarmos os grandes centros urbanos, percebemos que são cidades coloridas e espiraladas pelas suas diferentes formas de eventos culturais, artísticos e arquiteturas.

Assim a socialização é criada a partir dos instintos e das derivas, é uma forma de saber instintiva e exteriorizada segundo as diferentes ocasiões de aglomerações dos grupos sociais. Por outro lado, isto favorece a criação de um mundo paralelo no qual as diferentes pessoas se satisfazem de acordo com seus respectivos gostos estéticos e corporeidades (LARA, 2004). Percebemos então a liberdade de escolha destes gestos e gostos estéticos na atmosfera de união de determinados grupos. É a partir dessa atmosfera, que os saberes se complementam e o imaginário perpassa o cenário mental, partindo para a representação do cotidiano que identifica um grupo unido pelo artesanato.

Nesse sentido, a estética torna-se uma motivação de trocas que favorecem a representação de questões cotidianas em que o estar junto, transcende os limites socioeconômicos inerentes à ordem social. Observar a dinâmica de tais representações e do fazer individual e coletivo que compõem o artesanato a partir dos estudos referentes à estética, gênero e sensibilidade demanda a importância de um pertinente debate sobre as referidas questões.

c) METODOLOGIA

O trajeto metodológico da pesquisa decorre de uma perspectiva fenomenológica (MOREIRA, 2002; CARVALHO; CARDOSO, 2015). Este método apresenta à proposta de pesquisa uma ferramenta crítica, por sua essência reflexivo-filosófica e subjetiva quanto à compreensão dos fenômenos da natureza humana e suas ações na história (MOREIRA, 2002; MAFFESOLI, 1998). Assumimos a posição de observar e relatar a produção artística dos artefatos relacionados à estética produzida pelo movimento Mangubeat a partir da Estética e das

Sensibilidades visando refletir sobre as representações simbólicas e imagéticas presentes nesse movimento artístico.

A partir das categorias teóricas 'estética' e 'sensibilidade', o que foi percebido no registro e interpretação das imagens tenderá a refletir sobre a formação das subjetividades, captadas a partir das peças produzidas, bem como pela forma de produção dos referidos artefatos. Estabelecemos a consciência do fenômeno diretamente entre o observador e as produções artesanais dos sujeitos da pesquisa a partir da relação construída pela imaginação, especulação e percepção, ou seja, a leitura das emoções dispostas no artefato produzido com vistas à compreensão das questões de fundo e do cotidiano que os cercam. A fenomenologia a qual recorreremos é descritiva, filosófica e interpretativa.

A abordagem qualitativa do estudo foi instrumentalizada de acordo com os aportes oferecidos pela Teoria do Imaginário e do barroco, propostos por Gilbert Durand (2001; 2004), da imaginação poética de Gaston Bachelard (1942; 2008) e das observações sobre estética e sensibilidades, segundo Marcuse (2001, 2002), Schiller (2015) e Maffesoli (1986; 2007; 1996). Estes autores compõem o quadro epistemológico do presente Plano de Trabalho. Assim, comprometemo-nos a mostrar a integração dos elementos estéticos e sensíveis como fenômenos fundamentalmente tangíveis à leitura da vida social, para estabelecer as correspondências sensíveis entre as vicissitudes do estético-imagético na arte e música.

Quanto ao movimento artístico eleito, esta investigação foi idealizada a partir da análise da estética produzida pelo movimento Mangubeat a partir da Estética e das Sensibilidades. Em relação à coleta de dados, realizaremos uma visita ao Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo/PE, local de nascimento do que hoje conhecemos como Movimento Mangubeat a fim de realizar entrevistas e registros fotográficos e buscas online de conteúdos e imagens ligados ao referido movimento, tal material será analisado a partir das lentes teóricas eleitas no presente plano de trabalho, as quais auxiliarão na percepção de como o imaginário local e a estética emergem nas representações simbólicas utilizadas por esses artistas.

d) RESULTADOS ESPERADOS

Este Plano de Trabalho está em estreita sintonia com as atividades que buscam consolidar o Programa de Interiorização das Universidades Públicas, na medida em que fortalece as atividades de formação de pesquisadores/as em nível de iniciação científica e Nucleação no interior do estado de Pernambuco. Em segundo lugar, o Plano apresenta uma abordagem metodológica que permite a realização de um estudo sensível do tema na medida em que integra a análise da arte dos artefatos relacionados à estética produzida pelo movimento Manguebeat e a valorização do imaginário local. A investigação, em terceiro lugar, poderá proporcionar a participação do aluno pesquisador em seminários ou encontros acadêmicos, contribuindo para a disseminação dos temas e resultados a partir de publicações em periódicos com Qualis em Arte e/ou Ciências Humanas.

e) VIABILIDADE DE EXECUÇÃO

O projeto será desenvolvido no âmbito d'O Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação, vinculado ao Centro Acadêmico do Agreste, Núcleo de Design e Comunicação, e no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea. Conta com a concessão de auxílio (bolsas de pesquisa em nível e mestrado) através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES).

Por outro lado, o Centro Acadêmico do Agreste é equipado com instalações adequadas para a realização do trabalho; a biblioteca guarda acervo de livros sobre educação, estética e sensibilidades. O coordenador da pesquisa possui largo acervo relacionado à Teoria do Imaginário, essenciais à viabilização do trabalho de pesquisa e disponíveis em seu gabinete, ainda com possibilidade indicação a aluna de acesso a outras bases de dados necessárias à consecução da investigação, além de contar com apoio acadêmico das ferramentas que possuem o Núcleo de Design e Comunicação e o Programa de Pós-graduação aos quais é vinculado.

2 RELATÓRIO FINAL PIBIC

2. Resumo

Ao explorar os aspectos principais do Manguebeat, o presente artigo busca analisar as dimensões simbólica e imagética do movimento no imaginário de Pernambuco. Tem o propósito de investigar os símbolos e as manifestações artísticas que contribuíram para a criação de sua estética singular. Os resultados e discussões se concentram na expressão identitária do Manguebeat e de seus símbolos e em como estes ressignificam importantes elementos do cotidiano no imaginário coletivo e histórico de Recife e Pernambuco. As discussões se concentram na expressão da identidade Manguebeat, da antena parabólica e do caranguejo e do mangue. O caminho metodológico da pesquisa decorre de uma perspectiva fenomenológica a partir das categorias teóricas 'estética' e 'sensibilidade', percebidas no registro e interpretação das imagens.

3. INTRODUÇÃO

O Manguebeat emergiu com uma leva de renovação. Através da união de elementos da cultura local a influências globais, o movimento revolucionou o cenário musical e cultural da época e conseguiu desenvolver uma identidade única e totalmente representativa da cidade do Recife. Os símbolos produzidos e ressignificados pelo movimento, componentes de sua estética, carregam mensagens, posicionamentos e atos políticos que contribuíram para a construção e valorização da cultura pernambucana.

Como contribuição política, o Manguebeat foi um dos principais responsáveis por transformar e revalorizar o patrimônio histórico e cultural local. Os artistas do movimento criaram conexão profunda com moradores da Região Metropolitana do Recife ao incorporar elementos presentes no cotidiano como ato político. Com a intenção de retomar o que é marginalizado e excluído e dar um novo sentido sociocultural, a estética singular do Manguebeat utiliza elementos modernos da época, como a antena, e principalmente na música com influências de gêneros globais. Tudo isso contribuiu para que elementos estéticos e sensíveis como o caranguejo e o mangue, dentre outros, tornassem o movimento inovador, mesclando tradições culturais com tecnologia e futuro.

O objetivo deste artigo consiste em compreender e analisar as dimensões simbólicas e imagéticas da estética produzida pelo movimento Mangubeat, em Pernambuco, presente no imaginário do estado, explorando como símbolos e manifestações artísticas agregaram para criação de uma estética. Pretendemos entender de que forma os símbolos utilizados pelo movimento, a exemplo das imagens do mangue, do caranguejo e da antena parabólica enfiada na lama, foram ressignificados, de modo associado a reflexões sobre a importância e as aspirações ligadas ao movimento.

Para alcançar esses objetivos, adotamos uma perspectiva fenomenológica (Moreira, 2002; Carvalho; Cardoso, 2015), com base na Teoria do Imaginário de Gilbert Durand (2001; 2004) e na imaginação poética de Gaston Bachelard (1942; 2008). A metodologia incluiu visitas ao Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo/PE, ao Centro do Recife, ao Memorial Chico Science, à Rua da Moeda, além de buscas online por conteúdos e imagens relacionadas ao Mangubeat. Esses dados foram analisados a partir das perspectivas teóricas selecionadas, com intuito de compreender como o imaginário local e a estética emergem nas representações simbólicas utilizadas pelos artistas do movimento.

A importância deste trabalho consiste na sua contribuição para a valorização e o entendimento da cultura pernambucana, evidenciando sempre o papel transformador que o Mangubeat desempenhou na revitalização cultural de Recife, por toda sua dimensão e valor histórico. Com isso, ao explorar as dimensões simbólicas e imagéticas do movimento, este artigo oferece uma perspectiva analítica sobre a relação entre arte, sociedade e identidade e sobre como o Mangubeat se tornou um agente de mudança política e estética em Recife.

Este artigo apresenta uma análise simbólica e imagética do movimento Mangubeat. Inicialmente, nos aproximamos das dimensões histórica e simbólica do movimento mantidas no imaginário coletivo, seguido pela descrição da metodologia utilizada na pesquisa. Os resultados e as discussões se concentram na expressão da identidade Mangubeat, da antena parabólica e do caranguejo, de modo a ressaltar o papel do mangue na composição dessa identidade estética. Ao abordar esses pontos, o artigo busca contribuir para uma compreensão do Mangubeat como um fenômeno cultural e imagético, enraizado na história e identidade da cidade de Recife, de modo local, e de Pernambuco.

4.OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa consiste em compreender as dimensões simbólicas e imagéticas da estética produzida pelo movimento Mangubeat, em Pernambuco, e presentes no imaginário do estado. Desse modo, a investigação reflete sobre como o imaginário atua na formatação dos itens relacionados à estética produzida pelo movimento Mangubeat, dimensionada sob uma perspectiva sensível.

Cogitamos o estudo da estética produzida pelo movimento Mangubeat, enquanto trajeto sobre as representações simbólicas presentes neste universo. Pensar acerca das estratégias estéticas e sensíveis que foram mobilizadas por esses artistas consiste em compreender os encadeamentos imagéticos neste campo enquanto em suas perspectivas epistêmicas, estéticas e sensíveis.

Nesse sentido, as estéticas têm sido problematizadas enquanto trajetos para se pensar a intersecção entre questões sociais e processos de subjetivação. Essa noção, quando nos referimos ao poético [político] enquanto elemento estruturante da pós-modernidade, como propõe Michel Maffesoli (1998), é importante para percebermos a chave de leitura de diferentes correspondências que se articulam no nível do olhar e do imaginário social. Pois, a alma se rende ao olhar, à observação, ao lúdico, ao que provoca a atmosfera do transgressor. A estética induz, igualmente, à vida em coletividade; as pessoas são levadas pelo instinto mimético.

Essa pesquisa considera que compreender as dimensões simbólicas, sensíveis e imagéticas da estética produzida pelo movimento Mangubeat à valorização do modo estético-sensível de pensar a relação entre imaginário, arte e sociedade. Neste sentido, uma das abordagens no estudo da estética é o estudo compreensivo da cultura em suas diversas manifestações. Em sociedade nos deparamos constantemente com acontecimentos dessa ordem, o que poderemos definir como a experiência estética no cotidiano. Esta experiência amplia e diversifica a significação das noções sobre diferentes temas e questões sociais.

A partir da estética produzida pelo movimento Mangubeat, buscamos ressaltar uma visão epistemológica e metodológica que considere estratégias sensíveis à interpretação de temas que permeiam o imaginário pernambucano; a pluralidade, a sensibilidade, a emoção, os saberes e outros símbolos que estão

presentes nesses artefatos. O imaginário está na base das concepções de tempo e espaço, bases, por sua vez, de toda construção cultural.

Com base nessas premissas, esta pesquisa contempla algumas questões, em específico: Os símbolos relacionados à estética produzida pelo movimento Mangubeat permitem cogitar o modo pelo qual este representa o imaginário local? Qual a centralidade dos elementos estéticos e sensíveis nesse fazer artístico? Quais elementos imagéticos e sensíveis ligados ao cotidiano pernambucano são materializados através dos símbolos presentes nesse movimento? Nesse sentido, e com fundamento nas discussões teóricas sobre Estética, Sensibilidades e Imaginário, o estudo analisa as ressonâncias do imaginário nas representações sensíveis da estética produzida pelo movimento Mangubeat. São objetivos específicos:

- a) Compreender de que modo a estética produzida pelo movimento Mangubeat possibilita refletir sobre as representações simbólicas, sensíveis e imagéticas;
- b) Identificar os principais sentidos estéticos e sensíveis presentes na produção estética produzida pelo movimento Mangubeat; e
- c) Analisar as representações simbólicas, estéticas e sensíveis presentes na produção artística produzida pelo movimento Mangubeat a partir da Estética e das Sensibilidades.

5. METODOLOGIA

O trajeto metodológico da pesquisa decorreu de uma perspectiva fenomenológica (Moreira, 2002; Carvalho; Cardoso, 2015). Este método apresenta à pesquisa uma ferramenta crítica, por sua essência reflexivo-filosófica e subjetiva quanto à compreensão dos fenômenos da natureza humana e suas ações na história (Moreira, 2002; Gaston Bachelard 1942; 2008). Assumimos a posição de observar e relatar a produção artística dos artefatos relacionados à estética produzida pelo movimento Mangubeat a partir da Estética e das Sensibilidades visando refletir sobre as representações simbólicas e imagéticas presentes nesse movimento artístico.

A partir das categorias teóricas 'estética' e 'sensibilidade', percebidas no registro e interpretação das imagens, refletimos sobre a formação das

subjetividades, captadas a partir das peças produzidas, bem como pela forma de produção dos referidos artefatos. Estabelecemos a consciência do fenômeno diretamente entre o observador e as produções artesanais dos sujeitos da pesquisa a partir da relação construída pela imaginação, especulação e percepção, ou seja, a leitura das emoções dispostas no artefato produzido com vistas à compreensão das questões de fundo e do cotidiano que os cercam. A fenomenologia a qual recorreremos é descritiva, filosófica e interpretativa.

A abordagem qualitativa do estudo está baseada nos aportes oferecidos pela Teoria do Imaginário e do barroco, propostos por Gilbert Durand (2004; 2012), da imaginação poética de Gaston Bachelard (1942; 2008) e das observações sobre estética e sensibilidades, segundo Marcuse (2001; 2002), Schiller (2015). Assim, as ações desenvolvidas até o presente momento, assim como as atividades previstas para momentos posteriores, se propõem a mostrar a integração dos elementos estéticos e sensíveis como fenômenos fundamentalmente tangíveis à leitura da vida social, para estabelecer as correspondências sensíveis entre as vicissitudes do estético-imagético nas manifestações artísticas do movimento Mangubeat.

Em relação à produção de dados, o Centro do Recife, o Memorial Chico Science, a Rua da Aurora, a Rua da Moeda foram lugares escolhidos por trazerem a efervescência do Mangubeat no ápice do movimento. Foram realizadas visitas para coletar fotografias, e observar de perto homenagens como as esculturas de caranguejo e manifestações artísticas urbanas, representados de diferentes formas pelo centro de Recife. Através dessas visitas foram feitos registros fotográficos, anotações e percepções sobre o que estava sendo visto, conversado e sentido. Essa imersão foi fundamental para que os símbolos fossem observados de perto através de uma ótica prática, teórica e sensível.

O material foi analisado a partir das lentes teóricas eleitas para a pesquisa, por nos auxiliarem na percepção de como o imaginário local e a estética emergem nas imagens produzidas pelos artistas.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Aspectos histórico-sociais do surgimento do Mangubeat

Na década de 1990, emergiu da lama - em seu sentido mais literal e poético - um dos movimentos culturais responsáveis pela retirada do Recife do seu marasmo cultural, vivido em meio a um momento desfavorável no qual era considerada como a quarta pior cidade do mundo para se viver, segundo pesquisa realizada em 1990 pelo *na*, localizado em Washington, nos Estados Unidos (Population Crisis Committee, 1990). O Mangubeat, nome dado ao movimento, tornou-se um agente transformador que contribuiu significativamente para a revitalização cultural, estética e social da cidade. Nem toda a ânsia de revolução idealizada e nutrida pelos artistas do movimento poderia prever a importância e a valorização mundialmente trazida para Recife.

Como bem observado por Émile Durkheim, não há representação coletiva que, em certo sentido, não seja delirante (Durkheim, 1968, p. 325). Pode-se associar essa ideia ao modo de como o movimento se tornou uma expressão na forma como reinterpreta e revitaliza elementos do cotidiano das pessoas que habitam o ecossistema do mangue e são, por consequência, uma extensão das suas raízes. Essas representações, embora originadas da mente humana, exercem um impacto significativo na cultura local, promovendo a valorização do patrimônio nativo. Esse processo de reinvenção não apenas resgata a identidade cultural, como influencia diretamente os campos cultural, social e artístico.

6.2 As expressões simbólicas e visuais do Mangubeat

A dimensão simbólica do Mangubeat se revela de maneira marcante em seu manifesto fundador, redigido por Fred Zero Quatro em 1992. Este manifesto se divide em três partes distintas: "Mangue - o conceito", onde Fred explora o mangue não apenas como um ecossistema, mas como um símbolo de fertilidade, diversidade e riqueza; "Manguetown - a cidade", uma expressão da indignação e resposta ao caos e à estagnação urbana; e "Mangue - a cena", uma visão de como revitalizar a cidade do Recife (Quatro, 1992). O autor deixa transparecer uma urgência por ação, como resposta ao marasmo cultural que então envolvia Recife. Nesse contexto, emerge um universo imaginado com o propósito de transcender a realidade estagnada dos habitantes locais, muitas vezes referidos a "homens caranguejos" que, de maneira metafórica, se encontravam aprisionados em uma crosta de lama da qual não conseguiam se libertar.

Para entender a dimensão simbólica e imagética do movimento, é imprescindível observar por uma ótica de contextualização histórica na qual está presente (Maffesoli, 1985). A análise simbólica e imagética se torna mais assertiva e alinhada à visão histórica do acontecimento. Essa dimensão simbólica abrange os múltiplos estratos de significado que permeiam as expressões artísticas e culturais do Mangubeat. Assim, elementos como o caranguejo, por exemplo, não são simplesmente vistos como criaturas naturais, mas são reinterpretados e investidos de sentidos simbólicos mais amplos, refletindo a identidade, os valores e as aspirações do movimento e da comunidade envolvida de acordo com suas vivências.

A dimensão simbólica vai além da forma física, pois os símbolos comunicam sentidos profundos e ressoam com as experiências e as identidades culturais dos indivíduos envolvidos (Durand, 2012), o que faz com que o Mangubeat se diferencie de outros movimentos culturais. Isso pode ser visto justamente pela forma como esses símbolos são utilizados e interpretados.

À integração dos elementos estéticos e sensíveis com os acontecimentos da vida social, pelo estabelecimento de correspondências sensíveis entre estes e as manifestações do estético-imagético nas músicas, roupas, artes e símbolos linguísticos, Durand (2012, p. 31) acrescenta mais um fator:

A primeira consequência importante dessa definição de símbolo é a anterioridade tanto cronológica como ontológica do simbolismo sobre qualquer significância (signifiance) audiovisual. É o que o gramático parece ter notado claramente quando define a “factividade” como o caráter comum de todas as maneiras de se exprimir, “ou seja, de enunciar que o espírito do sujeito falante é a sede de um fenômeno e que este deve reagir sobre o espírito de um outro ser... o grito tornou-se linguagem quando tomou um valor factivo”.

Sendo assim, o papel do símbolo na linguagem é de suma importância, mesmo antes de ser totalmente compreendido ou para além de um significado atribuído. Essa importância se manifesta pela influência que o símbolo exerce sobre as pessoas que o percebem, antes de se tornar conscientemente interpretado. A influência pode operar em diferentes níveis, a exemplo do emocional, do cognitivo e do subconsciente e pode atravessar percepções, pensamentos e emoções de maneiras complexas e muitas vezes não imediatamente evidentes. Assim, a relevância do símbolo vai além de sua mera atribuição de significado, constituindo-se como um elemento fundamental na comunicação e na construção de sentidos compartilhados dentro de uma dada cultura ou sociedade.

O movimento Manguebeat possui inúmeras recorrências culturais, visuais e musicais. Dentre elas, escolhemos três elementos para análise, identificados durante a imersão no campo, sendo eles: a antena parabólica, o caranguejo e o mangue. Esses elementos estão retratados de forma bastante significativa nas representações urbanas e visuais do movimento como em pinturas, músicas e design. A seleção desses símbolos busca entender e refletir a essência e complexidade para o imaginário coletivo e local de Pernambuco. Foram analisados separadamente a fim de compreender suas singularidades e narrativas e como todas elas, de alguma forma, se completam nesse ecossistema cultural.

6.2.1 A antena parabólica

Figura 1 – Artefato antena parabólica



Fonte: Pet Ciências Sociais UFPR (2017).

Disponível em:

<https://petsociaisufpr.wordpress.com/2017/03/31/vinte-anos-de-luto-as-raizes-do-manguebit/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

O imaginário é composto por símbolos que refletem a forma como uma sociedade percebe e interpreta o mundo ao seu redor. Nesse contexto, a antena parabólica enfiada na lama (Figura 1) assume um papel simbólico importante. Gilbert Durand (2012) ressalta a capacidade dos seres humanos de reconfigurar o que a natureza oferece e de atribuir significado ao mundo que os cerca.

O autor enfatiza que essa capacidade de modificar e reinterpretar elementos é crucial para a construção de sentidos culturais e destaca que as interpretações podem divergir significativamente em diferentes contextos culturais. Para que esse

processo de reinterpretação e modificação ocorra, a imaginação é fundamental. Por meio do seu exercício, os indivíduos são capacitados a conferir novos significados aos elementos naturais, moldando a forma como percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

No manifesto do manguebeat, Fred Zero Quatro (1992, p. 2) aponta que:

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Ainda no manifesto, o autor afirma que basta colocar um pouco de energia na lama para estimular a cidade de Recife. Trata-se de uma narrativa que ajuda a compreender o significado atribuído à imagem da antena enfiada na lama por parte das pessoas que integram o movimento. É um símbolo que, em se tratando da época, representava tecnologia e futuro enfiada na lama do mangue, que é local, tem raízes e sempre fez parte da história de Recife; tudo isso contribuiu para agregar esse sentimento de renovação e fomentar algo nunca visto. Assim, não há um significado preestabelecido, pois a dedução lógica não basta para contemplar as movimentações simbólicas (Durand, 2012) que alcançam múltiplos sentidos para uma mesma imagem, culturalmente situados e relacionados às experiências.

A antena parabólica é usada para transmitir e receber sinais, uma forma de expressar que a cidade está pronta para receber e enviar novidades através do movimento Manguebeat, mesmo após anos de marasmo cultural que pairava a Grande Recife. É também uma forma de demonstrar que Pernambuco também pode transmitir produções com uma identidade local e política. O artefato estar enfiado na lama demonstra a valorização das raízes e da cultura da região, raízes essas que estão presentes no mangue e na lama.

Em Antene-se, música presente no álbum “Da Lama Ao Caos” de Chico Science e Nação Zumbi a antena se torna o verbo antenar.

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
Escutando o som das vitrolas que vem dos mocambos
Entulhados à beira do Capibaribe
Na quarta pior cidade do mundo

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
Procurando **antear** boas vibrações
Preocupando **antear** boa diversão
Sou, Sou, Sou, Sou, Sou Mangueboy!

(Chico Science; Nação Zumbi, 1994², grifos nossos).

Nessa letra, ao se referir aos moradores de Recife, que na época tinha seu título de quarta pior cidade do mundo para se viver, Chico utiliza da poesia como forma de combustível para reacender a energia dos *mangueboys* e *manguegirls* que continuavam a viver em meio a essa realidade, se “antendo” a boas vibrações e momentos de descontração.

6.2.2 O caranguejo

Figura 2 - Caranguejo³



Fonte: O autor (2024)

Para aqueles situados fora dos ecossistemas de manguezais, o caranguejo pode parecer destituído de qualquer simbolismo perceptível. No entanto, para os habitantes dessas áreas costeiras, onde os manguezais exercem uma influência vital, o caranguejo adquire uma significância plena de simbolismo e valor intrínseco que reflete diretamente na identidade local. O animal adquire mensagem e protagonismo simbólicos no Mangubeat, imagem que concede forma à tradição, à vida que resiste apesar do caos de Recife e a da identidade hegemônica da região.

Durand considera as imagens animais como símbolos teriomórficos, inseridos na estrutura diurna do imaginário. Segundo o autor, “de todas as imagens, com efeito, são as imagens animais as mais frequentes e comuns. Podemos dizer que nada nos é mais familiar, desde a infância, que as representações animais” (Durand, 2012, p. 69). Assim, a atribuição de sentidos a essas imagens pelo ser humano

² Letra disponível em: [<https://www.lettras.mus.br/nacao-zumbi/77655/>]

³ Na fotografia está presente a cenografia "Caranguejo com Cérebro", em homenagem ao movimento Mangubeat e produzida pelo Coletivo Vacilante para 22º Fenearte. Local: Cais da Alfândega em Recife.

transcende à mera funcionalidade dos objetos (Durand, 2012), como visto na reinterpretação cultural do caranguejo no contexto do Mangubeat, imagem animal que produz sentidos para além de sua existência natural.

Sob a ótica de Durand (2012), os insetos, crustáceos, batráquios e os répteis possuem metamorfoses bem definidas, assim como latências invernais, são igualmente símbolos lunares. O caranguejo tem um papel protagonista no movimento, isso fica evidente nas diversas representações encontradas pela cidade, especialmente no Cais da Alfandega e na Rua da Moeda, onde é possível encontrar grafites e diversas formas de representação do animal, como observado nas imagens a seguir.

Figura 3 - Imagens artísticas urbanas do caranguejo⁴



Fonte: O autor (2024).

⁴ Imagens do caranguejo feitas por artistas urbanos encontradas no Cais da Alfândega – Recife, onde é possível notar que o símbolo assume diversas cores, formatos e conceitos.

Figura 4 - Imagem meio Caranguejo meio Homem⁵

Fonte: O autor (2024).

O caranguejo é um animal que possui em grande abundância na cidade de Recife. O movimento o usa como símbolo porque ele reside e resiste nos manguezais. Como observado por Durand (2012), o caranguejo integra uma simbólica lunar, relacionada a ciclos e resistências. O animal também é manutenção e nutrição, pois é fonte de alimentação e renda para moradores. No movimento Mangubeat, a sua imagem adquire os sentidos de trazer o olhar para cultura local e o popular, dos que vem de baixo e são negligenciados, da troca de casca para renovação de seu corpo, que possui uma estrutura rígida e resistente que oferece proteção e força contra perigos externos.

Perante essa perspectiva, elementos aparentemente desprovidos de significado adquirem profundas transformações e novos significados, produzidos pelos artistas envolvidos no movimento cultural; movimento que não apenas propunha, mas efetivamente conferiu uma nova identidade e vitalidade à cidade do Recife, rompendo com a estagnação e trazendo uma renovação significativa para a atmosfera social e cultural da época.

6.2.3 O mangue

⁵ Arte urbana na Rua da Moeda de um *mangueboy*, descrito no manifesto do Mangubeat.

Recife foi construída sob solo do mangue e, à medida em que a urbanização ocorreu, o território foi destruído. Com o descaso governamental e a grande concentração de lixo urbano, os manguezais foram prejudicados e sofrem, até hoje, ameaças à sua existência. Em Recife, nas margens do Rio Capibaribe visíveis no Centro da cidade, é possível notar uma gigantesca quantidade de poluição que afeta diretamente o bioma local. O mangue não é apenas um solo onde se construiu a cidade, é vida, gera vidas, faz a manutenção de vidas, que vão desde organismos microscópicos até os que são vistos a olho nu. Além disso, tem a capacidade de filtrar grande parte dessas impurezas.

Para os moradores da Região Metropolitana do Recife, todo esse sistema faz parte da vida cotidiana de diversas formas. Além da presença resistente do pouco de ecossistema que restou às margens do Rio Capibaribe (Figura 5), a sua presença nas pinturas, nas esculturas e nos símbolos dispostos por toda cidade ocupam o espaço urbano (Figura 6).

Figura 5 - Trecho do Rio Capibaribe em Recife⁶



Fonte: O autor (2024).

⁶ Trecho do Rio Capibaribe impactado pela poluição e despejos de materiais inadequados.

Figura 6 - Imagem artística do Manguê⁷



Fonte: O autor (2024)

Entretanto, o movimento Manguêbeat é, além de estético, político e social. Muitas das inspirações utilizadas na construção dos símbolos do movimento vieram de um movimento de revolta pela condição estrutural e socioeconômica predominante na cidade de Recife. Uma das coisas notáveis que vemos às margens em algumas regiões dos manguezais são os casebres de madeiras construídos por aqueles que vivem do manguê e se mantêm, muitas vezes, como pescadores. Moradores dessa região são representados em diversas músicas do movimento Manguêbeat, como em “Corpo de Lama”:

Este corpo de lama que tu vê
 é apenas a imagem que sou
 este corpo de lama que tu vê
 é apenas a imagem que é tu.
 (Chico Science; Nação Zumbi, 1996)⁸.

Chico Science, nesta música, fala sobre pescadores e moradores da região do manguê. A expressão “corpo de lama” pode representar uma conexão intrínseca entre indivíduos e ambiente, essa pessoa que cresceu rodeada pelo ecossistema e se alimenta dele. Além disso, uma valorização ao símbolo da lama como resistência e sustento.

Esse ambiente foi descrito no romance “Homens e Caranguejos” (1966) de Josué de Castro, o qual inspirou Chico Science em seu processo criativo e que foi

⁷ Representações do Manguê feitas por artista urbano encontrada no Cais da Alfândega.

⁸ Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-science/1695292/>.

reconhecido por este como autor de suma importância para o movimento Manguebeat. No livro, somos apresentados a uma família que sai do Sertão de Pernambuco por ocasião da seca para buscar um lugar com melhores condições de vida em Recife. Próximo às áreas de mangue, essa família encontra uma forma de sustento. O autor se baseia em vivências para escrever sobre a importância e o papel que o mangue e todo o seu ecossistema exerce na vida da população ribeirinha do Recife. Sobre isso, Castro (1967, p.12) aponta:

A lama dos mangues do Recife fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios - habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo este leite de lama. Seres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos.

O cenário e as vivências dos precursores do movimento cultural influenciam todos os envolvidos no Manguebeat. O mangue integra o mito descrito no manifesto como símbolo de fertilidade, diversidade e riqueza. Nesse movimento, é um ecossistema complexo que representa o encontro de múltiplas vidas que geram algo novo, é fortemente representado nas músicas, nas artes e nos discursos. Ao tomá-lo dessa forma, evidenciam e convocam o olhar do poder público para esse ecossistema e para o quanto ele precisa de cuidado.

Em Cidade Estuário, da banda Mundo Livre S/A, isso fica evidente. A letra fala sobre o ecossistema e seu importante papel na vida de moradores dos arredores dos manguezais e descritos pelos mesmos como maternidade, salinidade, diversidade, fertilidade e produtividade.

O mangue injeta, alimenta, abastece, recarrega as baterias da Veneza
Esclerosada, destituída, depauperada, embrutecida!
O mangue injeta, alimenta, abastece, recarrega as baterias da Veneza
Esclerosada, destituída, depauperada, embrutecida!
(Mundo Livre S/A, Cidade Estuário, 2001)⁹

Como supracitado, o ecossistema é um berçário de vida, moradores que por muitas vezes pescam desde pequenos são parte desse sistema e possuem conexões naturais e que se desenvolvem com o indivíduo, formando identidades culturais que merecem ser percebidas. O movimento usa a nomenclatura “mangue” para trazer esse olhar de valorização e denúncia.

7. CONCLUSÕES

⁹ Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/mundo-livre/567023/>.

Os artistas do Manguebeat exploraram os aspectos de um momento em que a cidade de Recife talvez não fosse considerada ideal para acolher a expansão de um movimento tão rico culturalmente, que extrapola os manguezais da cidade e que se tornou reconhecido mundialmente. Toda essa efervescência trouxe novos olhares para o estado de Pernambuco e para as pessoas que queriam ser ouvidas e que eram negligenciadas. Valorizou e homenageou identidades a partir das misturas de ritmos musicais, nacionais e internacionais, com letras que retratam injustiças e representatividade. Também na estética dos Mangueboy e das Manguegirls, a valorização de símbolos como o caranguejo e o mangue se deu de forma respeitosa e extremamente intencional com toda a inteligência e sensibilidade dos “caranguejos com cérebro”, para a valorização da cultura e do sentimento de pertencimento Pernambucano.

Os responsáveis por esse movimento estavam antenados nas tendências e no futuro, por isso utilizavam do símbolo da antena, mas sempre para ressaltar e valorizar as tradições e os costumes culturais. Essa influência se torna evidente em manifestações culturais de grande expressão, como o carnaval. Durante esse período, diversos elementos visuais e sonoros do Manguebeat ganham destaque, seja nas representações gráficas, na música e até no estilo de vida. Além disso, a presença de artistas e bandas influenciadas pelo Manguebeat em trios elétricos e palcos alternativos reforça a continuidade e a reinvenção desse legado. Um exemplo notável é o festival Rec-Beat, que ocorre anualmente durante o carnaval no Recife, reunindo músicos que dialogam com as estéticas e os ideais do movimento, reafirmando sua relevância na cena cultural contemporânea. Os símbolos estão marcados para sempre no imaginário popular e é de extrema importância evidenciar o papel transformador e histórico que o movimento Manguebeat e seus símbolos teve e têm na revitalização cultural do estado.

8. REFERÊNCIAS

ABELLA, Sandra Iris Sobrera; RAFAELLI, Rafael. As Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand em Cinco Pinturas de Arcimboldo **Caderno de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 13, n. 102, p. 224-249 jan./jun. 2012.

BACHELARD, Gaston. **L'eau et les rêves**: essai sur l'imagination de la matière. Paris: Librairie José Corti, 1942.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAZIN, Germain. **História da arte**. Trad. Fernando Pernes. Paris: Garramond, 1980.

CARVALHO, Mario de Faria; CARDOSO, Fernando da Silva. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista NUPEM**, v. 7, nº 13, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/download/5461/3489/14702>. Acesso em : 22 ago. 2024.

CASTRO, Josué. Prefácio um tanto gordo para um romance tão magro. *In*: CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução Helder Godinho. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução Rennée Eve Levié. 3 ed. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2004.

DURKHEIM, Émile. Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie. Paris : Presses universitaires de France, 1968.

HALL, Stuart. When was the post-colonial? *In*: CURTI, L.; CHAMBERS, I. (Orgs.). **The post-colonial in question**. Londres: Routledge, 1996.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência; tradução Cristina

Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MAFFESOLI, Michel. O Paradigma Estético: a sociologia como arte.

Revista do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional, n. 21, 1986.

MARCUSE, Herbert. **A sociedade como obra de arte**. Tradução de R. Barbosa: Novos Estudos CEBRAP, nº 60, julho 2001.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Tradução de Álvaro Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PITTA, Danielle. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 1. ed. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

THE World's Best and Worst Cities. The Washington Post, 1990 Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/wellness/1990/11/20/the-worlds-best-andworst-cities/b5305fd4-98e6-4eb1-9073648f7f5e29d6/>. Acesso: 20/02/2024

3 RESUMO EXPANDIDO CONIC

O presente estudo analisa as dimensões simbólica e imagética do movimento manguebeat no imaginário de Pernambuco. Assim, tem o propósito de investigar os símbolos e as manifestações artísticas que contribuíram para a criação de sua estética do movimento. É adotada uma perspectiva fenomenológica, com base na Teoria do Imaginário de Gilbert Durand (2001; 2004) e na imaginação poética de Gaston Bachelard (1942; 2008). A metodologia incluiu visitas ao Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo/PE, ao Centro do Recife, ao Memorial Chico Science, à Rua da Moeda, além da sistematização de conteúdos e imagens relacionadas ao Manguebeat. Os resultados e discussões se concentram na expressão identitária do Manguebeat e de seus símbolos e em como ressignificam importantes elementos do cotidiano no imaginário coletivo e histórico de Recife e Pernambuco. As discussões evidenciam dada expressão da identidade Manguebeat, da antena parabólica e do caranguejo e do mangue. É possível afirmar que a estetização reproduzida pelo movimento valorizou e homenageou identidades sociais locais a partir de ritmos musicais mesclados, nacionais e internacionais, com letras e imagens que retrataram injustiças e a representatividade cultural pernambucana. Também, na estética dos Mangueboy e das Manguegirls, é observada a valorização de símbolos como o caranguejo e o mangue enquanto forma de cogitar a relação entre elementos humanos e da natureza, “caranguejos com cérebro”, como forma de relacionar a valorização da cultura e do sentimento de pertencimento ao cotidiano pernambucano.

4 CERTIFICADO APRESENTAÇÃO CONIC



Certificamos que **JOSE HUGO TIMOTEO DE COUTO** participou do Congresso Unificado de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pernambuco, realizado entre 18 e 22 de novembro de 2024. O estudante apresentou o trabalho intitulado **UMA ESTÉTICA MANGUEBEAT? AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS E IMAGÉTICAS DO MOVIMENTO** como resultado de sua participação em um dos Programa de Iniciação Científica da UFPE (PIBIC; PIBIC-AF; PIBIC-EM; ou PIBITI) na vigência 2023-2024, sob orientação do (a) Professor (a) **MARIO DE FARIA CARVALHO**.

JOSÉ HUGO TIMOTEO DE COUTO

**UMA ESTÉTICA MANGUEBEAT? AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS E IMAGÉTICAS
DO MOVIMENTO MANGUEBEAT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de relatório de iniciação científica, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Design.

Aprovado em: 03/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mário de Faria Carvalho

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Luciana Lopes Freire

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Maria Rita Barbosa Piancó

Universidade Federal de Pernambuco